

# ICMBio

Edição 605 – Ano 13 – 3 de setembro de 2021

*em foco*

**Parque Nacional do Araguaia  
encerra as atividades de  
prevenção do ICMBio**

**Parcerias fortalecem ações de  
prevenção a incêndios no Pantanal**

**Conscientização ambiental nas ondas  
do rádio**

## Parque Nacional do Araguaia encerra as atividades de prevenção do ICMBio

Quando falamos em ilhas, sempre nos vêm à cabeça uma porção de terra cercada por mar. Porém, os rios também são capazes de formar ilhas fluviais. E é no Brasil, na fronteira entre os estados de Mato Grosso e Tocantins que fica a maior delas: a Ilha do Bananal.

É na Ilha do Bananal que fica o Parque Nacional do Araguaia, que foi criado em 1959, quando o estado do Tocantins ainda pertencia à Goiás. O Parque detém mais de 550 mil hectares e protege cerca de 150 espécies, quase duas dezenas delas ameaçadas de extinção, como a queixada (*Tayassu pecari*), anta (*Tapirus terrestris*), ariranha (*Pteronura brasiliensis*) e as poderosas onças-pintadas (*Panthera onca*) e harpia (*Harpia harpyja*).

Além das riquezas da fauna, na Ilha, também está o Parque Indígena do Araguaia. Criado após a unidade de conservação, em 1971, atualmente é território de dois povos: os Javaés e os Karajás. De acordo com os mais antigos, ainda há na Ilha um outro grupo étnico, os Avá-Canoeiro, chamados popularmente de "cara-preta", indígenas isolados que vivem na região conhecida como Mata do Mamão.

Os relatos de avistamento dos "caras-pretas" são escassos - geralmente os mais antigos dizem se recordar de algum encontro. Recentemente, um grupo de brigadistas afirmou ter encontrado vestígios desse povo. Um deles, que é indígena, afirmou à época que o grupo avistado era completamente diferente dos que habitam a Ilha. Há ainda histórias que contam que alguns "caras-pretas" até chegaram a morar em aldeias dos outros grupos indígenas. Não duraram muito, acabavam por morrer de tristeza.

### A QUESTÃO DO FOGO

Entrar no Parque Nacional do Araguaia exige certa destreza e habilidade. Não há uma ponte que atravesse o rio Javaés, logo a saída é passar pelo rio. Pode parecer estranho, mas é assim que se entra e sai do Parque e por isso mesmo são poucos os meses disponíveis para travessia. Os brigadistas contam que, se algum veículo precisa ficar para trás, só é possível buscá-los nos próximos meses em que o rio está baixo suficiente.

Urgente também é a chamada "janela de queima". O coordenador de Prevenção e Combate a Incêndios do ICMBio, João Morita, conta que no Araguaia, ela é mais curta. "O Araguaia é a última unidade de conservação a começar a queimar e a última também a parar, mas entre

O Parque Nacional do Araguaia é a última unidade de conservação a realizar ações de prevenção por conta das suas especificidades



uma coisa e outra, há semanas de intervalo”, diz. Morita se refere às ações de queimas prescritas, necessárias para a prevenção de incêndios de grande porte no Parque. Somado à janela de queima curta, há a vegetação do Parque, que no interior é formada por grandes campos do Cerrado, um verdadeiro oceano de combustível acumulado, barris de pólvora prontos para explodir nos meses de estiagem.

Nesta delicada equação, ainda é preciso se considerar a ajuda das condições climáticas, como umidade e temperatura, como em qualquer outra queima prescrita. A depender do dia, os brigadistas terão somente poucas horas para manejar grandes territórios. É por esta razão que o ICMBio precisa avaliar estrategicamente o que será feito. E aí que entra a definição de pontos mais importantes para a conservação. Como a Mata do Mamão, por exemplo.

Morita conta que o Parque Nacional do Araguaia, seguindo o que era tendência nos órgãos ambientais brasileiros, já trabalhou com a estratégia de fogo zero e combate. Antigamente, não se considerava o uso ecológico do fogo. Os incêndios, mais constantes, eram duramente combatidos. Uma estratégia que é mais custosa para a natureza, para o poder público e para os combatentes. No caso da Ilha do Bananal, recheado

de ambientes com pouca ou zero acessibilidade, dependendo do local, não havia muito o que fazer. A não ser, rezar pela chuva.

## MATA DO MAMÃO

A Mata do Mamão segue a tendência do nome da Ilha em que está situada, levando o nome da planta abundante em seu interior. Porém, mais que um amontoado de mamoeiros, a Mata do Mamão é um maciço florestal complexo, que marca a transição entre Cerrado e Amazônia. Lá, vivem animais endêmicos dos dois biomas, inclusive ameaçados de extinção.

A proteção de grandes porções florestais como estas é muito importante para a manutenção do equilíbrio de ecossistemas, na qual a retirada de uma ou outra espécie, pode acarretar dificuldades da sobrevivência: mais disputa por abrigos, recursos e conseqüentemente impacto na reprodução e diminuição das populações. Predadores do topo de cadeia alimentar são especialmente atingidos.

Com o passar dos anos, a Mata do Mamão tem sido visada para desmatamento. A principal ameaça é a transformação desta densa floresta em pasto para gado.



A estratégia dos brigadistas é formar aceiros e mosaicos de áreas, como cinturões ao redor da Mata. A maior parte dos focos começa fora da Mata, no seu entorno, e então o fogo “corre” para a Mata quando se tem muito material combustível. A ideia da brigada do Parque é interromper esse caminho, criar obstáculos, diminuir combustível. Assim, na época de estiagem, a tendência é que o fogo “morra” antes de entrar na mata.

E como manejar grandes áreas com pouquíssimo tempo? Não somente aumentar a equipe - já que um esquadrão da Brigada de Pronto Emprego foi enviado para auxiliar a brigada do Parque - como também produzir mais linhas de fogo. De carro, os brigadistas usam o pinga fogo nas grandes áreas a se manejar, muito mais rápido que o percurso a pé. Se necessário, eles usam uma técnica de queima em paralelo, na qual os brigadistas confeccionam linhas paralelas, a fim de aumentar a “potência” das chamas. Passado isso, espera-se o fogo “trabalhar”, supervisionando e entrando em combate, se necessário, caso as chamas se assanhem mais que o previsto.

Neste processo, o ICMBio conta com instituições parceiras. O Prevfogo/Ibama, que costuma atuar com o ICMBio no combate, também está junto nas atividades de prevenção, já que o Araguaia também é território indígena. Juntas, as duas instituições envolveram mais de 120 brigadistas, apoiados por caminhonetes e helicópteros, que auxiliam no transporte às áreas mais inacessíveis.

### MAIS DE 350 AÇÕES DE PREVENÇÃO

Com o Parque Nacional do Araguaia, o ICMBio encerra as atividades de prevenção nas unidades de conservação. Em 2021, 46 UCs tiveram algum tipo de ação que integre o Manejo Integrado do Fogo. Foram 360 ações que totalizaram mais de 200 mil hectares manejados. O bioma campeão de ações foi o Cerrado, um dos mais suscetíveis na época de estiagem, com 277 em 20 UCs, em estados como Maranhão, Tocantins, Mato Grosso, Minas Gerais e Espírito Santo. Em segundo lugar, a Amazônia aparece com 57 ações distribuídas em 14 unidades de conservação. Os dados estão disponíveis no Painel de Informações da Coin e podem ser acessados por [aqui](#).

Brigadistas precisam ter noções de técnicas verticais para atuar em unidades como Parna do Itatiaia, Parna da Serra dos Órgãos e Parna do Caparaó



# Preparados para qualquer ambiente



Matheus de Paula

Brigada aprendeu nós básicos, confecção de linha de vida, equipamento e linguagem de técnicas verticais

**A**rotina de um combate a um incêndio florestal é desafiadora. Além de ser uma atividade arriscada, exige do brigadista conhecimento técnico do ambiente e um bom preparo físico. Mas e quando são somados fatores como altitudes acima de 2 mil metros, ar rarefeito, grandes distâncias a serem percorridas e paredões com 45, 90 graus de declive?

E para ficar prontos para este tipo de ambiente, os combatentes da Brigada Wellington Peres, a brigada de pronto emprego do ICMBio, passaram por um treinamento que ofereceu noções básicas de combate em altitude.

Segundo o instrutor dos brigadistas, Luiz Felipe Pimentel, a ideia da capacitação é deixar o pessoal minimamente preparado para este tipo de combate que pode ocorrer em unidades de conservação como os Parques Nacionais da Serra dos Órgãos e de Itatiaia, ambos na região serrana do Rio de Janeiro; Parque Nacional do Caparaó, que fica entre os estados do Espírito Santo e Minas Gerais; e na Área de Proteção Ambiental Serra da Mantiqueira, que engloba os estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Em comum, estas unidades de conservação apresentam altitudes acima de 1,2 mil metros, montanhas e os chamados campos de altitude,

que ficam a mais de 1,8 mil metros em relação ao nível do mar.

Os brigadistas aprenderam noções básicas de técnicas verticais; equipamentos usados e alguns procedimentos adotados nestes combates, como tensionamento de corda para fazer uma linha de vida e nós básicos, que garantem a segurança dos combatentes.

Além de terem que saber noções de rapel, neste tipo de ambiente, os brigadistas podem enfrentar desafios adicionais. Nestes locais, é comum encontrar terrenos íngremes, superior a 45 graus de aclave. A vegetação também costuma variar um pouco – ali, os brigadistas encontram os chamados campos rupestres. As condições climáticas costumam ser específicas - é possível encontrar fogo e gelo ao mesmo tempo, uma vez que é comum temperaturas abaixo dos 0 graus Celsius acrescidos de fortes ventos; e, com o gelo ressecando a vegetação, fica ainda mais complicado de extinguir as chamas.

O ambiente costuma ser inóspito até para aeronaves. Nem todos os tipos de helicópteros e aviões podem operar em altitudes superior a 2 mil metros, o que exige muito do preparo físico dos brigadistas: costumam percorrer grandes distâncias, em terrenos íngremes e num ar rarefeito.

## Parcerias fortalecem ações de prevenção a incêndios no Pantanal

A primeira semana de agosto marca exatamente um ano dos primeiros focos de incêndio no Pantanal. Aqueles próximos meses seriam difíceis para brigadistas dos órgãos ambientais, Governo, militares, proprietários rurais e organizações não-governamentais que lutaram, incessantemente para extinguir as chamas e salvar o bioma. Agora, depois de um ano, aqueles que se tornaram parceiros nas horas mais difíceis também celebram os diálogos que vão fortalecer a defesa do Pantanal.

Na sexta-feira (06/08), o ministro do Meio Ambiente, Joaquim Leite e o presidente do ICMBio,

Fernando Lorencini, estiveram em Corumbá (MS) para anunciar as novas ações, acordos e parcerias que vão trazer mais investimentos para prevenir e combater futuros incêndios.

Firmado com o Instituto Homem Pantaneiro (IHP), o primeiro acordo prevê a realização de aceiros, um novo sistema de monitoramento de embarcações e o impulso a pesquisas científicas sobre o impacto do fogo no Parque Nacional. O acordo firmado com o Governo do Estado de Mato Grosso do Sul terá sua integração realizada pela Polícia Militar Ambiental e compreende todo o Pantanal no estado. Por meio da cooperação

Ministro e Presidente do ICMBio  
em conversa com brigadistas





Acordos firmados entre poder público e organizações da sociedade civil vão aumentar investimentos na proteção do Pantanal

entre as entidades, o objetivo fortalecer fiscalização, monitoramento, intercâmbio de informações, inteligência e educação ambiental junto a todos os envolvidos nas ações.

Enfatizando a importância da união de forças, o ministro destacou a operação Guardiões do Bioma, fruto de novo plano integrado de combate a incêndios florestais, agregando os ministérios do Meio Ambiente, Justiça e Segurança Pública e Desenvolvimento Regional. “Essa integração entre Força Nacional e órgãos ambientais é fundamental para enfrentar esse grande desafio em todos os biomas, e se soma às ações que estamos trazendo hoje para o Pantanal.” O presidente do ICMBio, Fernando Lorencini, destacou a importância do trabalho conjunto na proteção

do Pantanal. Esse acordo fortalece a integração das instituições na proteção do Pantanal.

O ministro do Meio Ambiente, Joaquim Leite, anunciou ainda investimentos em ações de prevenção e combate. Os recursos vêm do Fundo Mundial para o Meio Ambiente, no âmbito do projeto GEF-Terrestre, coordenado pelo MMA e implementado e executado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e pelo Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (FUNBIO), respectivamente. O projeto tem valor total de cerca de R\$ 167 milhões, e prevê entre suas ações o resgate de animais silvestres em emergências ambientais, em especial ocorrências de incêndios florestais.

## Conscientização ambiental nas ondas do rádio

Criado em 1887, o rádio é um dos meios de comunicação em massa mais antigos do mundo. Por ele, já chegaram notícias de guerra, política, economia e até mesmo as radionovelas. Em tempos de redes sociais e internet, o rádio continua a ser uma importante ferramenta de comunicação - uma pesquisa realizada pelo Kantar Ibope Media detectou que, em 13 regiões metropolitanas, cerca de 78% dos moradores escutam, pelo menos uma emissora de rádio.

Em paralelo com a radiodifusão cresceu um *hobby* que mobiliza milhares de pessoas ao redor do mundo: o radioamadorismo. Os radioamadores são entusiastas desta técnica de comunicação, e, devidamente autorizados, operam estações caseiras, sem interesses comerciais. Aqui no Brasil, a atividade é regulamentada pela Resolução nº449, de 17/11/2006.

Unindo o interesse em radioamadorismo e em natureza, que radioamadores brasileiros estão reunidos na Expedição World Wide Flora e Fauna (Expedição WWFF). Nas rádios expedições, o grupo instala uma estação que possibilita contatos de locais não habituais com outros radioamadores do mundo.

O radioamador busca locais como motivação à atividade outdoor do radioamadorismo, possibilitando ainda a prática do DX (Distância), que nada mais é buscar novos contatos que muitas vezes nas cidades se torna difícil em virtude de seus ruídos elétricos e não permitem escutar locais distantes. Em contrapartida, o próprio



Radioexpedição tem co

radioamador praticante de uma DXpedição ou DXpedition, também possibilitará o DX de outros colegas para com ele.

No WWFF, a ideia é chamar a atenção para a importância de proteção da fauna, flora e do meio ambiente. Assim, os radioamadores montam e operam suas estações em áreas protegidas, gerando atenção e dissonando a mensagem





o propósito expandir o conhecimento e chamar a atenção para as áreas protegidas

de conscientização ambiental para a comunidade de radioamadores.

Em julho, os radioamadores marcaram presença na Floresta Nacional de Carajás, no Pará. Eles percorreram a Trilha Lagoa da Mata, onde puderam aprender mais sobre a biodiversidade da Flona. As informações obtidas a partir da visita foram amplificadas para o mundo todo

durante os dias em que operaram o rádio. A equipe se revezou em turnos para operar mesmo durante a madrugada, com o objetivo de alcançar radioamadores em outros fusos.

Durante a operação, obtiveram retorno de 36 países em cinco continentes. A maior parte dos contatos foram estabelecidos com radioamadores localizados dentro do território nacional, seguidos de Estados Unidos e Argentina. Na sequência, com média de 5 a 10 contatos, vem Alemanha, Rússia, Polônia, e outros países europeus.

O WWFF ocorre não só no Brasil, mas em outros países. Neste ano, eles já passaram por locais como APA Serra da Mantiqueira (MG/SP/RJ), Parque Nacional do Caparaó (MG/ES); APA Cananeia-Igaúpe-Peruíbe (SP); Parque Nacional da Chapada das Mesas (MA); Floresta Nacional de Carajás (PA) e Parque Nacional da Serra dos Órgãos (RJ). Em setembro, estão previstas expedições para Floresta Nacional de Ipanema (SP); Parque Nacional da Lagoa do Peixe (RS); Parque Nacional da Furna Feia (RN) e outras áreas estaduais.



Arquivo NGI Carajás

Radioamadores conseguiram contato com outros do Brasil e de países como Estados Unidos, Argentina e da Europa

# Recrutamento para remoção

## **AUDITORIA**

VAGAS: 02

PRAZO PARA INSCRIÇÕES: 05/09/2021

DOCUMENTO LEGAL: PORTARIA 412/2021 (SEI 9049974)

## **APA DELTA DO PARNAÍBA**

VAGAS: 02

PRAZO DE INSCRIÇÕES: 05/09/2021

DOCUMENTO LEGAL: PORTARIA 479/2021 (SEI 9270578)

## **NÚCLEO DE GESTÃO INTEGRADA SALGADO PARAENSE**

VAGAS: 5

PRAZO DE INSCRIÇÕES: 05/09/2021











## **ICMBio em Foco**

Revista eletrônica

### **Edição**

Ramilla Rodrigues

### **Projeto Gráfico**

DCOM

### **Diagramação**

Marília Ferreira

### **Foto da Capa**

Ramilla Rodrigues

## **Colaboraram nesta edição**

Natalia Veloso – DCOM; Nathalia Duane – NGI Carajás.

## **Divisão de Comunicação – DCOM**

### **Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio**

Complexo Administrativo Sudoeste – EQSW 103/104 – Bloco C – 1º andar

CEP: 70670-350 – Brasília/DF | Fone +55 (61) 2028-9280

*comunicacao@icmbio.gov.br | www.icmbio.gov.br*



MINISTÉRIO DO  
MEIO AMBIENTE



PÁTRIA AMADA  
**BRASIL**  
GOVERNO FEDERAL